

Delfim promete entregar País ajustado

E garante que não existe apoio da Seplan a um só dos candidatos do PDS

GIVALDO BARBOSA



A renegociação englobará mais de ano e não depende da sucessão, diz Pas tore

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, declarou ontem à noite que a questão do apoio da Seplan a um dos dois candidatos do PDS à sucessão presidencial "é um problema que não existe" sob o seu ponto de vista pessoal. "Cada um corre os seus próprios riscos, e eu não tenho que sentir coisa nenhuma, pois só estou vivendo a minha vida" — reagiu, ao ser indagado sobre a recusa de parlamentares ao seu apoio ao ministro do Interior, Mário Andreazza. Ele garantiu que entregará um País mais ajustado, sem déficit público, com mais alimentos e energia.

Alegre, de bom humor e com um copo de uísque na mão durante a solenidade de lançamento do Depósito Verde-Amarelo da Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais (Asbace), o Ministro garantiu que está em paz com sua consciência quanto à inflação e à situação econômica que deixará para o próximo governo. "Eu tenho absoluta tranquilidade de que fiz exatamente tudo aquilo que podia fazer, e considero que fiz bastante bem, de forma que nós vamos ver depois" — declarou.

Ao lado do presidente da Asbace (e um dos ministriáveis do eventual Governo Tancredo Neves), José Hugo Castelo Branco, o Ministro do Planejamento começou brincando com os jornalistas. "Negócio de sucessão eu não entendo, e de FMI nunca ouvi falar".

Perguntado se os banqueiros estrangeiros e o Fundo Monetário Internacional estão preocupados com a sucessão presiden-

cial, o Ministro foi claro: "Vocês é que estão dizendo isso, pois a capacidade de imaginação é incrível por parte da imprensa". Mas eles estão ou não preocupados? "Não foi o que eles me disseram. Honestamente, ninguém está preocupado com isso, pois todo mundo sabe que o Brasil está entrando num caminho de absoluta normalidade e sucessão é algo que acontece em todos os países, onde o Fundo tem programa e onde não tem".

Acrescentou que "isso (sucessão) não altera em absolutamente nada o cronograma (da renegociação da dívida externa), pois nosso compromisso com o Fundo vai até 15 de março de 1985. Depois disso o outro governo vai negociar, vai fazer o que é possível". Mais uma vez o Ministro do Planejamento negou que tenha mantido encontro com o governador Tancredo Neves, no Rio, antes de sua viagem aos Estados Unidos, com o suposto objetivo de conseguir uma promessa de não romper o acordo com o FMI:

"Meu Deus do céu, o doutor Tancredo já disse que não houve o encontro, eu disse que não houve e vocês ainda insistem...". Ao ser lembrado da coincidência entre sua presença e a do presidencializável no mesmo endereço, Delfim lembrou que "tem gente que faz treze pontos na Loteria Esportiva, onde é preciso mais coincidência do que isso".

Sobre o protesto dos agricultores da região geoeconômica de Brasília e de outros pontos do País: "Eles tiveram uma oferta de um VBC (Valor Básico de Custo) bastante generoso e nós vamos financiar de acordo com as resoluções

do Conselho Monetário Nacional. O VBC concedido é mais do que suficiente". Nesta altura o repórter perguntou se sua consciência não pesava com a perspectiva de deixar para o próximo governo uma inflação bem acima de 200% ao ano.

"Desculpe, mas a minha consciência não. Primeiro porque a sua colocação está equivocada, nós vamos deixar uma inflação mais baixa (não quis dizer de quanto); e segundo porque eu tenho absoluta tranquilidade de que fiz exatamente tudo aquilo que podia fazer, e fiz bastante bem, de forma que nós vamos ver depois". Ao comentar a expansão monetária de 54% nos primeiros sete meses, quando a meta era apenas 50% em todo o ano, Delfim disse que "ainda estamos fazendo os cálculos e vamos procurar um (novo) número adequado".

Sobre a reativação da economia: "O mercado interno está se recuperando através das exportações. Nós estamos fazendo hoje um desenvolvimento na direção correta, um desenvolvimento que não cria problemas de balanço de pagamento — e é isso que vai continuar". Uma jornalista quis saber se ele vai deixar uma economia saneada para o próximo governo, e Delfim Netto respondeu: "Saneada é exagero, mas certamente uma economia ajustada à crise, uma economia em que houve uma mudança radical na estrutura de oferta de alimentos, de energia e certamente com um déficit público em termos reais praticamente nulo". Seria uma economia mais fácil de se administrar? "Certamente que sim" — respondeu.